

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**JANIA PAULA JASTROW
SHEILA FERREIRA CHAVES EVENCIO**

**DISTINTAS PERCEPÇÕES EM DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

**SERRA
2019**

**JANIA PAULA JASTROW
SHEILA FERREIRA CHAVES EVENCIO
FACULDADES DOCTUM DE SERRA**

**DISTINTAS PERCEPÇÕES EM DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Enfermagem das Faculdades Doctum de
Serra, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem.**

**Área de Concentração: Educação Popular em
Saúde.**

**Orientador: Prof. Enf. Me. Vinícius de Oliveira
Muniz.**

**SERRA
2019**



FACULDADES DOCTUM DE SERRA

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Distintas Percepções em Doação de Órgãos: Uma Revisão Bibliográfica, elaborado pelas alunas Jania Paula Jastrow e Sheila Ferreira Chaves Evencio, foi aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo curso de Enfermagem das Faculdades Doctum de Serra, como requisito parcial da obtenção do título de **BACHAREL EM ENFERMAGEM**.

Serra, ___ de _____ 20__

Prof. Orientador Me. Vinícius de Oliveira Muniz

Prof.^a Ma. Cíntia Pereira Ferreira

Prof.^a Ma. Camila Barcelos Vieira

*“Escolhi os plantões, porque sei que o escuro da noite amedronta os enfermos.
Escolhi estar presente na dor porque já estive muito perto do sofrimento.
Escolhi servir ao próximo porque sei que todos nós um dia precisamos de ajuda.
Escolhi o branco porque quero transmitir paz.
Escolhi estudar métodos de trabalho porque os livros são fonte saber.
Escolhi ser Enfermeira porque amo e respeito à vida!”*

Florence Nightingale.

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer primeiramente a Deus, que nos mostrou que éramos capazes de concluir um sonho que para nós era impossível.

Aos nossos familiares, que compreenderam nossa ausência e nos fortaleceram quando achamos que não conseguiríamos.

A nossos pastores que cobriram nossas vidas de oração.

A nossos amigos que estiveram em todo tempo ao nosso lado, em especial nossas amigas Beliza e Rebeca, que sempre nos apoiaram, choramos juntas mas também nos deram palavras de coragem, força e alegria.

E a todos os nossos professores que puderam nos ensinar o que antes não sabíamos e transmitiram parte do conhecimento para nossa formação profissional.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AAN – Associação Americana de Neurologia

ABTO – Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos

CET – Centrais Estaduais de Transplantes

CFM – Conselho Federal de Medicina

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem

CIHDOTT – Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante

CNCDO – Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos

ME – Morte Encefálica

MS – Ministério da Saúde

OPO – Organizações de Procura de Órgãos

SNT – Sistema Nacional de Transplantes

SUS – Sistema Único de Saúde

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

RESUMO

Distintas percepções em doação e captação de órgãos existem e apesar deste assunto ser pouco discutido em grupos sociais, o auxílio às pessoas em aceitar ser um doador de órgãos pelos familiares é imprescindível. O objetivo foi realizar uma revisão bibliográfica sobre os resultados, discussões e conclusões de artigos sobre as percepções de ser ou não um doador de órgãos. Revisão bibliográfica, de caráter exploratório, com leitura de artigos publicados entre 2009 e 2019, onde uma análise de conteúdo foi realizada de todo o material composto e pertinente ao objeto de estudo. Os resultados possibilitaram a compreensão acerca das principais razões do baixo índice de doações, servindo como base para elaboração de propostas que reduzam estes fatores. O processo de doação envolve diversos conflitos, como o significado da morte, religião e vontade do falecido, por estes motivos é difícil o processo de convencimento da família a aceitar a doação. Diante disto, o papel do enfermeiro é passar informação e conforto para estes familiares a fim de que se sintam seguros e compreendam a importância deste ato. Identificou-se que a maioria das recusas ocorre por conta da desinformação sobre o processo e por conta disso, há necessidade de parametrizar os processos e dar suporte aos familiares. Conclui-se que é preciso realizar campanhas informativas a fim de divulgar a magnitude do ato de doar, oferecendo informações e suporte a pacientes e familiares, onde o enfermeiro tem papel fundamental e atua como mediador das informações e serve de apoio durante todo o processo de doação.

Palavras-chave: Doação de Órgãos. Transplante de Órgãos. Enfermagem e Transplante.

SUMMARY

Different perceptions on organ donation and fundraising exist and although this subject is little discussed in social groups, helping people to accept to be an organ donor of family members is essential. The objective was to perform a literature review on the results, discussions and conclusions of articles about the perceptions of being or not an organ donor. Exploratory bibliographic review, with reading of articles published between 2009 and 2019, where a content analysis was performed of all the material composed and relevant to the object of study. The research allowed the understanding of the main reasons for the low rate of donations, serving as a basis for the elaboration of proposals that reduce these factors. The donation process involves several conflicts, such as the meaning of death, religion and the will of the deceased. For these reasons, it is difficult to convince the family to accept the donation. The nurse's role is to pass information and comfort to these family members. in order to make them feel safe and understand the importance of this act. It was found that most refusals occur because of misinformation about the process, because of this it is necessary to parameterize the processes and support to family members. It is concluded that it is necessary to carry out informative campaigns in order to disclose the magnitude of the act of giving, offering information to patients and family members, the nurse has a fundamental role in this process acting as a mediator of information and support throughout the donation process.

Keywords: Organ Donation. Organ Transplantation. Nursing and Transplantation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 A doação de órgãos e o esclarecimento populacional pela enfermagem.....	11
2.2 O processo gerencial de captação e o enfermeiro da Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT)...	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

A prática de transplante de órgãos vem quebrando obstáculos, enfrentando grandes desafios e conquistando índices expressivos em decorrência da evolução técnica-científica. Durante anos, seus resultados foram impotentes e, atualmente, apesar do número de doações terem aumentado, não tem sido suficiente para reduzir as listas de espera no Brasil (VICTORINO; VENTURA, 2016).

O transplante de órgãos é um procedimento cirúrgico que consiste na reposição de um órgão – coração, pulmão, rim, pâncreas, fígado – ou tecido – medula óssea, ossos, córneas – ao receptor, por outro órgão ou tecido normal de um doador vivo ou morto. Este processo é uma opção de tratamento para melhorar a qualidade de vida de pessoas de qualquer idade, que apresentam doença crônica de caráter irreversível e em estágio final (BRASIL, 2008).

Isso se tornou possível devido ao aperfeiçoamento das técnicas cirúrgicas, desenvolvimento de imunossuppressores e compreensão imunológica da compatibilidade e rejeição. Nesse ínterim, o transplante de órgãos e tecidos deixou de ser um tratamento experimental e passou a figurar como procedimento extremamente eficaz no controle das insuficiências terminais de alguns órgãos e na falência de alguns tecidos (LEVIN; TEIXEIRA; CIPULLO, 2012).

Em 1968, publicou-se a primeira legislação brasileira de doação de tecidos, órgãos e partes do corpo humano, em vida ou *post mortem*, para fins de transplante e tratamento, configurados pela Lei nº 5.479. As novas discussões para modificar a Lei sobre transplantação ocorreram em diversas ocasiões e, em 1997, com vista na necessidade de maior colaboração por parte da população no *post mortem*, foi criada a Lei nº 9.434/97 que com a Lei nº 10.211/01 e a Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1.480/97, estabelecem diretrizes da Política Nacional de transplantes (CICOLO; ROZA; SCHIRMER, 2010).

Em 2017, houve a reformulação, pelo CFM, da Resolução nº 1.480/97, onde retirou a exigência do médico especialista em neurologia para diagnóstico de morte encefálica (ME), sendo agora realizado por médicos com capacitação específica, observando o protocolo estabelecido na Resolução CFM nº 2.173/2017, que define os critérios do diagnóstico de morte encefálica (CFM, 2017). Atualmente, o Brasil possui o maior sistema público de transplantes do mundo, subsidiando 96% desse

tratamento, incluindo procedimento cirúrgico, medicação e acompanhamento necessários ao pós-transplante (BRASIL, 2019).

Para a organização do Sistema Brasileiro de Transplante foram criados o Sistema Nacional de Transplante - SNT, como órgão central e as Centrais de Notificações, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO), para cada Estado Brasileiro, onde procedemos cadastros técnicos de receptores e gerencia o processo de doação e transplante (BAGGIO; LIMA, 2009).

Segundo a Lei 10.211/2001, a autorização da retirada de tecidos, órgãos e partes do cadáver será somente pela família, o que leva a falta de esclarecimento por ser a maior causadora da incerteza, ainda mais quando se trata de tomar decisões afetuosas sobre um ente familiar, além do medo da morte, do desconhecimento do conceito de morte encefálica, da presença de mitos e da falta de credibilidade do sistema de saúde (BRASIL, 2001).

Entre as causas para baixas taxas efetivas de doação em nosso país, está a falta de treinamento médico na identificação e manejo clínico do potencial doador, relutância das equipes em entrevistar as famílias enlutadas, recusa da família em ceder os órgãos, falhas logísticas, como falta de leitos de UTIs ou de equipamentos para diagnosticar morte encefálica (SILVA, 2008).

Isto faz com que a educação sobre o tema seja a melhor solução em entender esse processo de percepção, dentre possíveis doadores, e servirá para o alcance dos objetivos deste trabalho. No Brasil, observa-se que no primeiro trimestre do ano de 2019 houve queda na taxa de efetivação, caindo de 32,8% para 32,1%, o que resultou na diminuição de 1,2% (16,8 por milhão de população - pmp) na taxa de doadores efetivos (ABTO, 2019).

Segundo dados estatísticos analisados pela Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO) em 2019, mostraram que 15% dos doadores encaminhados para o bloco cirúrgico para a remoção de órgãos, nenhum órgão foi transplantado, evidenciando queda na taxa de doadores e cerca de 15% da perda do transplante dava-se pelo erro de procedimentos agravados pelo menor aproveitamento de órgãos doados. O ato de doar órgãos é uma decisão do ser humano enquanto vivo o que torna necessário a abordagem e a discussão do assunto, onde a sociedade consciente é um campo fértil de doação (MOURA; SOUZA; RIBEIRO, 2011).

Com isso, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre os resultados, discussões e conclusões de artigos já publicados sobre a percepção da população de ser ou não um doador de órgãos, e em segundo plano, entender o papel do enfermeiro frente ao processo de doação e de captação de órgãos, fazendo-se notório a necessidade do desenvolvimento de trabalhos educativos para o esclarecimento sobre as questões que pairam sobre o processo de doação e retirada de órgãos para transplante, pois quando a população adquire conhecimento, ela se torna capaz de abrir discussões sobre o tema e aceita com mais facilidade o procedimento.

Desta forma, surgiu uma indagação pertinente à temática: a população possui uma ideia sobre o trabalho de captação e doação de órgãos? Como se dá a importância de ser ou não um doador perante seus familiares?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A doação de órgãos e o esclarecimento populacional pela enfermagem

A doação de órgãos é um ato que pode salvar muitas vidas, sendo em diversas situações a única alternativa de melhora e cura, desta forma é importante que a população tenha conhecimento da importância do ato de doar. Para que seja realizada uma doação é necessário que o paciente aceite, ou em caso de morte do doador, a família deve autorizar a transformação de um potencial doador em doador efetivo, fato este que exige uma série de preparações e a equipe de enfermagem precisa estar qualificada nesta abordagem tanto na dimensão técnico-científica quanto humanística (LIMA, 2012).

O Conselho Federal de Enfermagem, em sua Resolução nº 611/2019 normatizou a atuação do enfermeiro no processo de doação, incumbindo-lhe explicitamente em planejar, executar, coordenar, supervisionar e avaliar os procedimentos de enfermagem prestados tanto ao doador como ao receptor, bem como a assistência no perioperatório. A captação de órgãos se inicia quando há confirmação de morte encefálica através da realização de exames, identificado a morte, a possibilidade de doação e realizando manobras médicas para manter os órgãos funcionando (COFEN, 2019).

O transplante de órgãos é um procedimento seguro, capaz de dar esperança de vida a milhares de pessoas que aguardam por órgão em filas de espera, lidando diariamente com a perspectiva de morte tornando o processo bastante doloroso. Tomar decisões com base na ética profissional e na legislação vigente se faz necessário, respeitando os aspectos religiosos e sociais dos envolvidos. Isso possibilita lidar com questões delicadas e impede barreiras contra a realização do procedimento (ROBSON; RAZACK; DUBLIN, 2010).

Este tema tem despertado interesse e discussões em várias comunidades científicas por alguns pontos específicos como a falta de esclarecimento, noticiários sensacionalistas, tráfico de órgãos, ausência de programas permanentes voltados para a conscientização da população e o incentivo precário à captação de órgãos, onde contribuem para alimentar dúvidas e implantar mitos e preconceitos (MORAIS; MORAIS, 2012).

De acordo com o nefrologista José Medina Pestana, a principal justificativa das famílias para não doar os órgãos da vítima é o fato de nunca terem conversado sobre o desejo de doação, unida à falta de informação sobre o assunto ainda relata que isso tem que ser assunto de família, para que dessa forma haja o discernimento que a doação é uma forma de transformar a dor em algo bom e que as pessoas podem contribuir positivamente dentro de uma situação de extrema tristeza (ABTO, 2018).

As CNCDO's ou Centrais Estaduais de Transplantes (CET's) são as unidades executivas das atividades do SNT, responsáveis por coordenar as atividades de transplantes tais como: promover a inscrição de potenciais receptores com todas as informações necessárias à sua rápida localização e à verificação de compatibilidade para o transplante; classificar os receptores e agrupá-los em ordem estabelecida pela data de inscrição; comunicar ao órgão central do SNT as inscrições e efetuar a organização da lista nacional de receptores; receber notificações de morte; determinar o encaminhamento e providenciar o transporte de tecidos e órgãos captados ao estabelecimento de saúde autorizado (BONFADINI *et al.*, 2014).

O enfermeiro que atua diretamente neste setor presta cuidado especializado na proteção, promoção e reabilitação da saúde de candidatos, receptores e seus familiares, assim como os doadores vivos. A enfermagem está envolvida em todo ciclo do processo, desde o acompanhamento da morte encefálica à manutenção do

potencial doador, percorrendo na entrevista familiar a partir da ME e vai até o transplante em si (ITNS, 2011); (BAGGIO; LIMA, 2009).

A ME é um estado em que ocorre a interrupção do funcionamento encefálico no qual é reconhecido o fator causal e é considerada irreversível, assim a Associação Americana de Neurologia (AAN) a define com base em três sinais cardinais: tronco cerebral, coma e apneia. Essa situação é uma condição essencial para a extração *post mortem* dos órgãos e tecidos (KUMAR, 2016).

Quando diagnosticada em tempo hábil, possibilita a captação de órgãos e favorece o transplante, configurando em uma única alternativa terapêutica, frente às diversas doenças que causam insuficiência ou falência de órgãos ou tecidos, como a insuficiência renal e a insuficiência cardíaca (GUIMARÃES *et al.*, 2014).

É importante enfatizar que os exames clínicos devem ser realizados por profissionais médicos diferentes que não poderão ser integrantes da equipe de remoção e transplante, em que um exame deverá ser realizado pelo médico com capacitação específica (PESTANA *et al.*, 2013).

No Brasil são incipientes os trabalhos de pesquisa a respeito da temática envolvendo graduandos de enfermagem, por exemplo. Embora o tema servir na contribuição para a sua formação e sua atuação no exercício de suas funções, a cada ano, cresce a demanda de pessoas de diferentes faixas etárias ingressando na fila de espera por um órgão necessitando de uma maior proximidade entre esses elementos (SOARES; LEITE; ROCHA, 2015).

Nos procedimentos de doação em vida, a primeira entrevista com o doador tem como objetivo informá-lo sobre os processos cirúrgicos pelos quais irá passar pela análise de questões emocionais e de níveis de conhecimentos relativos à doação. Já com o receptor do órgão, o objetivo é investigar suas expectativas e confiança diante o processo, esclarecer suas fantasias e dúvidas e permitir que os sintomas de ansiedade e medo diminuam e refletem reforços positivos ao procedimento (ABTO, 2018).

Uma das principais características das listas de espera é que elas não funcionam por ordem de chegada e seus critérios estabelecidos obedecem à ordem de condições médicas apresentadas pelos receptores destes órgãos, organizando-se por meio de três fatores determinantes: compatibilidade dos grupos sanguíneos, tempo de espera e gravidade da doença. Sendo a gravidade do estado de saúde

do paciente o fator mais determinante, quando analisado com o tempo de espera, focando na preferência aos pacientes com maior risco de morte (BRASIL, 2017).

2.2 O processo gerencial da captação e o enfermeiro da Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT)

As Organizações de Procura de Órgãos (OPO) atuam em parceria com as CIHDOTT, que são vinculadas à Central Estadual de Transplante (CET), identificando potenciais doadores e viabilizando o processo de doação.

Criada no ano de 2000, pela portaria do MS nº 905/2000, a CIHDOTT é uma Comissão intra-hospitalar composta por uma equipe multiprofissional de diferentes personagens atuantes na área da saúde e seu grande objetivo é a organização institucional de protocolos clínicos que subsidiam todo o processo de doação de órgãos e tecidos na expectativa de efetivar o transplante. Torna-se imprescindível sua existência em todos os estabelecimentos hospitalares seja público, privado e/ou filantrópico (BRASIL, 2000).

Segundo BRASIL (2019), cabe ao hospital notificar a CET sobre o potencial doador em morte encefálica ou com parada cardiorrespiratória, onde é pedida a confirmação do diagnóstico de morte encefálica. Após essa confirmação, é realizada uma abordagem familiar, no intuito de autorizarem a doação dos órgãos e assim iniciar os testes de compatibilidade entre o potencial doador e os potenciais receptores em lista de espera. Quando existem mais de um receptor compatível, a decisão de quem receberá o órgão passa por critérios de classificação, tais como o tempo de espera e a gravidade da doença, critérios estes, definidos no final no capítulo anterior.

A CET emite uma lista de potenciais receptores para cada órgão e comunica às equipes de transplante que são autorizadas pelo MS e com treinamento específico para este tipo de procedimento. Estes adotam medidas necessárias para viabilizar a retirada dos órgãos e a realização do transplante, procedimento este, ocorrido em um centro cirúrgico, e logo após o corpo é devidamente recomposto e liberado para os familiares (BRASIL, 2019).

Segundo a Resolução do COFEN nº 292/2004 o enfermeiro exerce papel fundamental em todas as fases do processo de doação e preconiza o enfermeiro como responsável pelo processo de doação de órgãos, o planejamento, execução, coordenação, supervisão e avaliação dos procedimentos de enfermagem prestados ao doador, bem como, planejar e implementar ações que visem a otimização de doação e captação de órgãos e tecidos para fins de transplantes. Ao enfermeiro responsável pelo cuidado aos candidatos e receptores de transplantes, incumbe aplicar a sistematização da assistência de enfermagem, em todas as fases do processo de transplante de órgãos e tecidos ao receptor e sua família, que inclui o acompanhamento pré e pós-transplante (ambulatorial) e no período do transplante propriamente dito, à nível intra-hospitalar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

Pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, que através da busca sobre os resultados e conclusões dos artigos publicados, por pesquisadores de diferentes estados brasileiros, houve a possibilidade, direcionada em seus contextos finais, de uma explicação das expressões que demonstravam fragilidades, riscos ou ameaças em ser ou não um doador de órgãos; além do mais, cerca de 90% dos estudos trouxeram avanços no conhecimento sobre a doação.

O método da revisão bibliográfica foi escolhido e teve como base o objeto de estudo: entender diferentes percepções sobre doar órgãos e se estas informações são bem definidas e alinhadas com amigos próximos e familiares.

A revisão bibliográfica auxilia no alcance dos objetivos da pesquisa científica e contribui nas construções teóricas, nas comparações e na validação de resultados de trabalhos de conclusão de curso e de artigos científicos. A organização e o planejamento são peças fundamentais no sucesso da utilização desta metodologia (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2006); (SANTOS, 2015).

Torna-se indispensável, desta forma, a clara delimitação do objeto de estudo para obter-se uma ideia precisa do estado atual de conhecimentos sobre o tema em evidência, ressaltar suas lacunas e pontuar suas contribuições para a investigação do desenvolvimento da ciência (LAKATOS; MARCONI, 2010).

O levantamento da produção científica foi realizado nas bases de dados: LILACS, BDEF – Enfermagem e BINACIS. A busca foi realizada por meio de termos e palavras-chave relacionadas às percepções de captação e doação de órgãos sobre indivíduos que já participaram de alguma pesquisa sobre o tema e a interface do papel do enfermeiro neste processo educacional (tabela 1). A tabela 2 especifica a relação do quantitativo de obras que vieram a partir da busca individual de cada descritor.

Tabela 1 – Termos utilizados na pesquisa sobre a percepção de doação de órgãos

TERMOS			
ORIGEM DE PERCEPÇÃO	DISTINTAS CONCEPÇÕES	Pessoal	Medo e doação de órgãos; Religiosidade; Decisão enquanto vivo.
		Coletiva	Autorização familiar; Recusa familiar; O não consentimento familiar.
Palavras-chaves			
Relacionados a ser o não doador	Doação de órgãos; percepção em doar órgãos; família e transplante.		
Relacionados ao enfermeiro no processo educacional	Enfermagem e transplante; CIHDOTT.		

Fonte: BRASIL, 2012; SEDEC, 2011

Tabela 2 – Descritores

Descritores	Plataforma digital	(n)
Transplante de órgãos	LILACS	1.499
Transplante de órgãos	BINACIS	156
Transplante de órgãos	BDEF	136
Doação de órgãos	LILACS	494
Doação de órgãos	BDEF	124
Doação de órgãos	BINACIS	26
Enfermagem e transplante	LILACS	360
Enfermagem e transplante	BDEF	310
Enfermagem e transplante	BINACIS	6
Família e transplante	LILACS	207
Família e transplante	BDEF	67
Família e transplante	BINACIS	8
CIHDOTT	LILACS	4
CIHDOTT	BDEF	1
CIHDOTT	BINACIS	0
Total:		7.373

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019

Desta busca inicial por descritores e termos, 20 artigos foram selecionados e um processo exaustivo de leitura flutuante foi iniciado na finalidade de conferenciar os resultados obtidos e suas considerações finais, que de fato, abordaram o recorte da percepção em doação de órgãos e a atuação do enfermeiro nesta área, como segundo plano contextual. Foi levado em consideração o título e o objetivo principal do artigo (BARDIN, 2016).

O trabalho definiu a escolha por artigos em busca de publicações de ampla difusão. Foi delimitado o idioma como português e inglês em busca de maior repertório não somente na língua nacional.

Acerca dos critérios de inclusão foram considerados todos os artigos que tivessem vinculados aos estudos de percepções e fragilidades sobre a doação de órgãos; delimitação por período de 10 anos (2009-2019) em virtude da possibilidade de abordar as publicações sobre o assunto, após uma década de surgimento da CIHDOTT e definir uma lógica, se teve expansão nas publicações ou não dentro deste período.

Já os critérios de exclusão foram artigos publicados fora do recorte temporal e com conclusões duplicadas, ou seja, repetitivas, ou capítulos de livros, ou trabalhos de conclusão de curso, pois o grande objeto de estudo foi entender distintas percepções concluídas em artigos publicados em revistas científicas.

Os artigos selecionados para a discussão dos resultados foram organizados em planilhas com auxílio do programa *Excel*, contendo termos similares e diferenciados sobre o pensamento dos entrevistados. Além disso, a planilha também abraçou artigos que abordaram o papel do enfermeiro frente à doação de órgãos.

Cabe ressaltar que foram apenas utilizados os artigos disponibilizados integralmente de forma gratuita, podendo estar em português ou inglês. Com o encerramento das pesquisas, foram realizadas as análises qualitativas e a criação de núcleos temáticos acerca do conteúdo explorado nas considerações finais de todos os artigos selecionados. Após estas associações acerca da época, tema e descritores, uma segunda etapa foi iniciada, conhecida como categoria de análise, onde todo o conteúdo foi explorado e comparado acerca de suas considerações finais (BARDIN, 2016).

Com os dados temporais classificados em décadas, percebe-se que a palavra-chave mais utilizada foi a “transplante de órgãos” tendo maior número de citações entre os anos de 2009 a 2019. A segunda palavra-chave mais citada foi a “doação de órgãos” só não mencionada nas publicações referentes às atribuições do enfermeiro. Os descritores “morte encefálica” e “enfermagem e captação de órgãos” são a terceira e quarta palavras-chave mais mencionadas, respectivamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 20 artigos selecionados, 95% estão na língua portuguesa e o restante em inglês (5%), dessa forma, nenhum artigo em espanhol correspondia à pesquisa. Eles foram identificados pelas siglas de A1 a A20, onde significa artigo 1, artigo 2; até artigo 20, ano de publicação; título e revista (tabela 3).

Tabela 3 – Ordem cronológica de artigos publicados

Identificação	Ano de Publicação	Título	Revista
A1	2009	Recusa de doação de Órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores	Rev. de Enfermagem UFPE

A2	2010	Doação e transplante de órgãos: produção científica da enfermagem brasileira	REBEn - Revista Brasileira de Enfermagem
A3	2010	A tomada de decisão das famílias para a doação de órgãos	Rev. Cogitare Enfermagem
A4	2011	Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre doação de órgãos e tecidos	Rev. de Enfermagem UFPE
A5	2012	Avaliação dos possíveis doadores de órgãos e suas recusas para não fazê-lo em frequentadores de um complexo hospitalar na cidade de São Paulo	Rev. Ciências em Saúde
A6	2012	Doação de órgãos: é preciso educar para avançar	Rev. Saúde em Debate
A7	2013	Pensamento Lean e cuidado do paciente em morte encefálica no processo de doação de órgãos	Rev. Esc. Enfermagem USP
A8	2013	Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos	Acta Paul. Enferm.
A9	2014	Doação e fila de transplante de córnea no Estado do Rio de Janeiro	Rev. Brasileira de Oftalmologia
A10	2015	Conhecimento dos graduandos de uma instituição de ensino superior sobre a doação de órgãos	Rev. Interdisciplinar
A11	2015	Doação de órgãos no Brasil: uma análise das campanhas governamentais sob a perspectiva do marketing social	Rev. Brasileira de Marketing
A12	2016	Brain death and care of the organ donor	Journal of Anaesthesiology Clinical Pharmacology
A13	2016	Os conflitos do consentimento acerca da doação de órgãos Post mortem no Brasil	Revista de Direitos Sanitários
A14	2017	Doar ou não doar: a visão de familiares frente a doação de órgãos	REME - Rev. Mineira de Enfermagem
A15	2017	Doação de órgãos e tecidos para transplante: contribuições teóricas	Racien - Rev. Científica de Enfermagem
A16	2018	Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante: vivência dos enfermeiros	Revista de Enfermagem UERJ
A17	2018	O enfermeiro x potencial doador de órgãos: conceitos relacionados à religião	Revista Nursing
A18	2018	A atuação do enfermeiro em comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos	Revista de Enfermagem UERJ
A19	2019	Percepção de familiares sobre doação de órgãos e tecidos	Rev. de Enfermagem UFPE
A20	2019	Percepções de pacientes renais crônicos na recusa ao transplante renal	Rev. de Enfermagem UFPE

Fonte: LILACS, BDEFN – Enfermagem, BINACIS, 2019

Destaca-se que em 2018 houve uma quantidade maior de publicações dentro do recorte temporal realizado, com três artigos neste ano. Das 20 publicações selecionadas e tratadas: 50% volta-se à área das ciências sociais e religião, seguido

das ciências da saúde com 30%, e 20% na área da gestão, com destaque nas subáreas de “Pensamento Lean” (5%); “Marketing social” (5%) e “Falta de conhecimento pelos profissionais/Fragilidades relatadas” (10%).

Com a leitura dos artigos citados, foi iniciada a discussão do assunto abordado, as percepções em doação de órgãos, que vem sendo um assunto bem evidente e representativo devido sua importância para os pacientes que necessitam de um doador.

Dos 20 artigos analisados, sete desenvolveram aspectos sobre o processo de doação de órgãos e sua preparação, evidenciando todo o processo desde a preparação até a concretização da doação. Três artigos relataram os motivos de recusa de doação por pacientes e familiares que ocorrem diversas vezes por falta de informação; enquanto dois dos 20 artigos relataram o que vem sendo realizado no campo da informação para divulgar o processo de doação e a sua importância.

Três artigos objetivaram a percepção dos pacientes e doadores acerca da questão, e como eles veem todo o processo de doação; os cinco demais artigos demonstraram como o profissional de enfermagem atua no suporte aos pacientes e familiares, dando apoio psicológico e emocional e ainda informando sobre todo o processo para que se sintam seguros em realizar o procedimento.

Os resultados encontrados demonstraram que este é um assunto de grande importância, pois atualmente existem milhares de pessoas na fila de transplantes aguardo por órgãos, enquanto o número de doadores é pequeno; é preciso conscientizar a população, pois, diversos transplantes podem ser realizados sem prejudicar a saúde do doador, com uma ampla divulgação de como é realizado os transplantes às pessoas terão maior conhecimento sobre o assunto, sentindo-se motivados a tornarem-se doadores (TOLFO *et al.*, 2018).

Foi possível a criação de quatro categorias de análise e seus eixos temáticos foram:

- I. Percepções sobre doação de órgãos;
- II. A família no processo de doação de órgãos;
- III. Fragilidades persistentes na captação e doação de órgãos;

IV. O enfermeiro como educador em doação de órgãos.

Na categoria I, os artigos A1, A3, A7 e A20 apresentaram similaridades em suas conclusões:

Participantes obtiveram uma grande variação de respostas sobre o que é e fato uma doação de órgãos como, por exemplo, o que tem que ser feito no ato da doação(A1).

As informações errôneas sobre a temática e a falta de esclarecimento de dúvidas dificulta o processo de doação, ainda existe um grande número de pacientes que se recusa a entrar na fila de espera por um rim por diversos medos (A20).

A solidariedade, embora importante, não parece ser suficiente para motivar a doação de órgãos, é preciso maior esclarecimento acerca do procedimento (A3).

Existe ainda falta de conhecimento e de parâmetros fundamentais para que o processo de doação de órgãos e tecidos aconteça (A7).

Gomes *et al.* (2018) deixa explicitada uma boa forma de padronizar questões acerca dos conceitos de doação de órgãos. Uma ferramenta importante é executar visitas técnicas aos setores referências no serviço dentro de disciplinas como enfermagem em saúde do adulto e administração hospitalar.

O eixo temático II que condiz com “A família no processo de doação” foi identificado nas considerações finais dos artigos A5, A9, A13, A14, A15 e A20. Um panorama geral voltado a este contexto se baseia nas questões individuais que muitas vezes não são comentadas e nem discutidas.

Elevadas taxas de negativas familiares, motivadas por diversos fatores, como a não compreensão do conceito de morte encefálica, a ideia da deformação do corpo após a cirurgia do globo ocular (enucleação), o medo de comercialização dos órgãos e o não conhecimento do sistema de distribuição e alocação dos órgãos e tecidos (A9).

A amostra populacional estudada foi encontrada a intenção de doar órgãos em somente 55% dos entrevistados, (A5) e a recusa familiar (A15) e (A13). Além disso, é necessário estabelecer um momento de escuta para que esses indivíduos compartilhem seus medos e aflições visando a sanar suas dúvidas e questionamentos sobre a temática (A20).

A dor sentida não se refere à ME, mas ao que ela significa, a ausência definitiva do familiar. O tempo é importante para acostumar-se com a ideia da morte do paciente, condição que nem sempre é possível. Mas o principal motivo para as famílias optarem pela não doação se deve ao respeito à vontade do potencial doador (A14).

O eixo III refere-se a “Fragilidades persistentes na captação e doação de Órgãos” foi identificado nos artigos A3, A4, A7 e A12, onde fica claro que é

necessário maior conhecimento da legislação e práticas adotadas na doação, gerando confiança nos familiares para que aceitem realizar a doação.

O conhecimento da legislação por parte dos profissionais que atuam na área pode levar a transformações positivas no atual cenário brasileiro em que a maior barreira para efetivação da doação de órgãos e tecidos é a recusa familiar. (A12) O desconhecimento de tais eventos por parte da família pode interferir (A3). Destaca-se o pensamento Lean para tornar mais eficaz e eficiente o processo de doação de órgãos(A7).

Um grande problema encontrado é relativo a captação de órgãos mesmo quando há consentimento, devido as más condições de manutenção e manuseio ao qual foi submetido o potencial doador (A4).

O último eixo, o IV, estabelece o papel do enfermeiro no processo de doação. “O enfermeiro como educador em doação de órgãos”. Onde o mesmo precisa conhecer de forma aprofundada a cerca da temática tornando-se um educador e trazendo conforto e segurança para os doadores e familiares.

O treinamento do profissional enfermeiro, bem como de sua equipe, é de suma importância para que saiba realizar a entrevista para doação de órgãos (A17); Graduandos de uma instituição de ensino superior possuem conhecimento insuficiente sobre doação de órgãos (A10).

O envolvimento do profissional de saúde, educadores e sociedade em geral (A15)

Profissionais de saúde a refletir e conscientizar- se sobre a necessidade do seu compromisso de incluir a família na assistência (A3).

Ainda devemos investir no preparo dos profissionais que atuam no campo de doação, principalmente o que estão envolvidos com a assistência do potencial doador em morte encefálica (A8). Estando atento ainda aos procedimentos necessários para captação e conservação do material biológico a ser doado (A4).

A partir da compreensão das vivências de enfermeiros inseridos em uma CIHDOTT, foi possível verificar que a figura desse profissional é primordial para o sucesso do programa de transplantes nas instituições (A16) O enfermeiro tem papel fundamental no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante e sua atuação envolve todos os processos desde a identificação, manutenção, doação, captação e transplante de órgãos. É referido, por seu conhecimento, habilidade interpessoal e sensibilidade para com todos os envolvidos, como um facilitador do processo de doação de órgãos, sendo um elemento importante para o aumento das taxas de doação de órgãos no Brasil (A18).

Os artigos possuem relação entre eles, abordando o tema e contribuindo para o desenvolvimento do mesmo, muitos artigos abordam a doação de órgãos, mas ainda assim, existem pessoas inclusive da área desinformada, por conta disso é preciso discorrer mais sobre o tema a fim de aumentar o número de doadores, e consequentemente as chances das pessoas que se encontram nas filas de transplantes (TOLFO *et al.*, 2018).

Atuar na área de transplantes requer dos profissionais de enfermagem conhecimento, disposição, interesse ativo, afetividade, flexibilidade, busca por

aprimorar o cuidar, responsabilidade, sensibilidade, capacidade de escutar oportunizando a expressão de sentimentos sem pré-julgamentos ou censuras. Uma equipe bem orientada é fundamental para todo o processo que é voltado de sentimentos onde a família precisa de suporte e informações para compreender todo o processo, assim deve ser demonstrada a seriedade e importância do ato de doar (LIMA *et al.*, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há evidências da necessidade da divulgação de informações que facilitem a compreensão das pessoas acerca deste processo, a fim de se obter maior sucesso nas taxas de doação no Brasil.

A desinformação da população é o fato gerador de muitas recusas em doar órgãos, embora existam campanhas e ações veiculadas, ainda não é o suficiente para mudar a realidade encontrada em evidências científicas, onde as informações são superficiais e geram dúvidas na população, é preciso que este tema seja debatido com mais clareza, informando sobre todo o processo, desde o momento da morte do paciente até a cirurgia para retirada do órgão.

Torna-se necessário ainda que o profissional de enfermagem seja capacitado para passar informações confiáveis e oferecer apoio aos familiares neste momento, considerando que parte das recusas ocorre por falta de informação, medo e desconfiança nos procedimentos adotados, ficando claro que existe a necessidade de maior suporte aos familiares.

Diante da relevância social que representa a doação de órgãos e tecidos, o profissional de enfermagem deve atuar como educador e as equipes de saúde devem agir em conjunto para planejar estratégias e mudar a percepção da sociedade em relação ao tema.

REFERÊNCIAS

ABTO – Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. *Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado (2011-2018)*. Registro Brasileiro de Transplante. Ano XXIV, Nº 4, 2018.

ABTO – Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. Um início de ano mais difícil. *Registro Brasileiro de Transplante*. Ano XXV, Nº 1, 2019.

BAGGIO, M. A.; LIMA, A. M. C. *Transplante*. Belo Horizonte. Educação e Cultura; 2009.p 13-71.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BONFADINI, G. et al. Doação e fila de transplante de córnea no Estado do Rio de Janeiro. *Rev. Bras. Oftalmol.* Rio de Janeiro, v.73, n.4, p. 237-242, fev./mar. 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbof/v73n4/0034-7280-rbof-73-04-0237.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Portaria nº 905 de 16 de agosto de 2000*. Determina a constituição da CIHDOTT em todos os hospitais públicos, privados e filantrópicos com mais de 80 leitos. 2000. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/doacao-de-orgaos>>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.

_____. Ministério da Saúde. Central Nacional de Transplantes (CNT). Brasília.2017. Disponível em:< <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/doacao-de-orgaos#sistema-nacional-transplantes>>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.

_____. Ministério da Saúde. *Doação de Órgãos: transplantes, lista de espera e como ser doador*. 2019. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/doacao-de-orgaos>>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

_____. Ministério da Saúde. Transplante de órgãos. *Rev. Virtual em Saúde*. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/142transplante_de_orgaos.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

_____. Lei 10.211, de 23 de março de 2001. *Altera dispositivos da Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que "dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento*. Diário Oficial da

República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de março de 2001, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10211.htm>. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. *Metodologia Científica*. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2006.

CFM – Conselho Federal de Medicina. *CFM atualiza Resolução com critérios de diagnóstico de morte encefálica*. Brasília, 2017. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27329:2017-12-12-11-27-28&catid=3>. Acesso em: 21 de junho de 2019.

CICOLO, E. A.; ROZA, B. A.; SCHIRMER, J. Doação e transplante de órgãos: produção científica da enfermagem brasileira. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v.63, n.2, p. 274-278, mar./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n2/16.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

CINQUE, V. M.; BIANCHI, E. R. F. A tomada de decisão das famílias para a doação de órgãos. *Cogitare Enferm.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 69-73, jan./mar. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/17174-60180-3-PB%20(5).pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 611/2019. *Atualiza a normatização referente à atuação da Equipe de Enfermagem no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante, e dá outras providências*. COFEN, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-611-2019_72858.html>. Acesso em: 23 de novembro de 2019.

CONCEIÇÃO A. I. C. C., et al. Percepções de pacientes renais crônicos na recusa ao transplante renal. *Rev. Enferm. UFPE on line.*, Recife, v. 13, n. 3, p. 664-73, mar. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/237487-136192-1-PB%20(5).pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

FREIRE, S. G.; et al. Alterações fisiológicas da morte encefálica em potenciais doadores de órgãos e tecidos para transplantes. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, v. 16, n. 4, p. 761-766, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n4/17.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

GOMES, C. N. S., et al. Perspectiva da enfermagem no processo de doação de órgãos e tecidos: relato de experiência. *Rev Enferm UFPI*, Teresina, v. 7, n. 1, p.

71-74, jan./mar. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/6642-25908-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

GUIMARÃES, H., et al. *Manual de medicina intensiva*. São Paulo: Atheneu. 2014; p.127-133.
ITNS - International Transplant Nurses Society. *Introduction to transplant nursing: core competencies*. Pittsburg: International Transplant Nurses Society, ITNS; 2011.

KUMAR, L. Brain death and care of the organ donor. *J Anaesthesiol Clin Pharmacol*, v. 32, n. 2, p. 146-152, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://www.joacp.org/temp/JAnaesthClinPharmacol322146-4474796_122547.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7ªed. Campos Elísios, SP: Atlas, 2010.

LEVIN, A. K.; TEIXEIRA, L. K. S.; CIPULLO, R. Avaliação dos possíveis doadores de órgãos e suas recusas para não fazê-lo em frequentadores de um complexo hospitalar na cidade de São Paulo. *Revista Ciências em Saúde*, São Paulo, v.2, n. 2, abr. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/97-405-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

LIMA, M. G. R., et al. Revisão integrativa: um retrato da morte e suas implicações no ensino acadêmico. *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 190-197, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n3/25.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.

LIMA, A. A. F. Doação de órgãos para transplante: conflitos éticos na percepção do profissional. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 27-33, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/doacao_orgaos_transplante_conflictos_eticos.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

MAYNARD, L. et al. Os conflitos do consentimento acerca da doação de órgãos post mortem no Brasil. *Revista de Direito Sanitário*, São Paulo, v. 16 n. 3, p. 122-144, nov. 2015/fev. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/111657/109688>>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

MORAIS, T. R.; MORAIS, M. R. Doação de órgãos: é preciso educar para avançar. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v.36, n. 95, p. 633- 639, out./Dez. 2012.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v36n95/a15v36n95.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

MORAES, E. L.; MASSAROLLO, M. C. K. B. Recusa de doação de Órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. *Acta Paul. Enferm.* São Paulo, vol. 22, n. 2, p.131-135, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a03v22n2.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

MOURA, K. H. M.; SOUZA, T. F.; RIBEIRO, G. T. F. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre a doação de órgãos e tecidos. *Rev. Enferm. UFPE on line*, Recife, v. 5, n. 5, p. 1353-1361, ago. 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/Admin/Downloads/6802-11871-1-PB%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/6802-11871-1-PB%20(7).pdf)>. Acesso em: 08 de novembro de 2019.

NOGUEIRA, M. A. et al. Doação de órgãos e tecidos para transplante: contribuições teóricas. *Revista Recien*, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 58-69, 2017. Disponível em: < https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/viewFile/226/pdf_1>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, M. J. R. L.; MORAIS JÚNIOR, S. L. A. O enfermeiro x potencial doador de órgãos: conceitos relacionados à religião. *Revista Nursing*, São Paulo, v. 21, n. 241, p. 2218-2222, jun. 2018. Disponível em: < http://www.revistanursing.com.br/revistas/241-Junho2018/O_enfermeiro_potencial_doador.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

PESSOA, J., L., E.; SCHIRMER, J.; ROZA, B. A. Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos. *Acta Paul. Enferm.* São Paulo, v. 26, n. 4, p. 323-330, jul./set. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n4/v26n4a05.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

PESTANA, A. L. et al. Pensamento *lean* e cuidado do paciente em morte encefálica no processo de doação de órgãos. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v.47, n. 1, p. 258-264, fev. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n1/a33v47n1.pdf>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

REZENDE, L. B. O. et al. Doação de Órgãos no Brasil: Uma Análise das Campanhas Governamentais sob a Perspectiva do Marketing Social. *Revista Brasileira de Marketing*, v. 14, n. 3, p. 362-376, jul./set. 2015. Disponível em: <

<http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs2.2.4/index.php/remark/article/view/2902/2290>>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

ROBSON, N. Z.; RAZACK, A. H.; DUBLIN, N. Organ transplants: ethical, social, and religious issues in a multicultural society. *AsiaPac J Public Health*. 2010;22(3):271-8. p. 274.

ROSSATO, G. R. et al. Doar ou não doar: a visão de familiares frente à doação de órgãos. *REME – Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte, v. 21, p. 1-8, nov. 2017. Disponível em: < file:///C:/Users/Admin/Downloads/e1056%20(2).pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

SANTOS J. I. R., et al. Percepção de familiares sobre a doação de órgãos e tecidos. *Rev. Enferm. UFPE on line*. Recife, v. 13, n3, p. 578-86, mar. 2019. Disponível em: < file:///C:/Users/Admin/Downloads/236473-135936-1-PB%20(4).pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

SANTOS, A. R. *A metodologia científica: construção do conhecimento*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SILVA, A. M., SILVA, M. J. P. A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 549-554, out./dez. 2007. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a12.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

SILVA, E. N. *Ensaio em economia da saúde: transplantes de rim*. 2008. 113p. Tese. Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15641/000685375.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

SILVA, T. R. et al. Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante: vivência dos enfermeiros. *Rev. Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1-6, out. 2018. Disponível em: < file:///C:/Users/Admin/Downloads/34120-128791-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

SOARES, L. M. D.; LEITE, R. G.; ROCHA, F. C. V. Conhecimento dos graduandos de uma instituição de ensino superior sobre a doação de órgãos. *Rev. Interdisciplinar*, Teresina, v. 8, n. 2, p. 158-168, abr./jun. 2015. Disponível em: <

<https://pdfs.semanticscholar.org/255d/8613f637ddcc3e27447d7a3eefce4dc8b6e7.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

SOUZA, M. *Projeto inclui conscientização sobre doação de órgãos na grade curricular*. Câmara dos Deputados. 2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/562445-projeto-inclui-conscientizacao-sobre-doacao-de-orgaos-na-grade-curricular/>>. Acesso em 16 de outubro de 2019.

TOLFO, F. D. et al. A atuação do enfermeiro em comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos. *Rev. Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1-5, abr. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/27385-123139-1-PB%20(4).pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

VICTORINO, J. P.; VENTURA, C. A. A. Bioética e biodireito: da doação ao transplante de órgãos. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, v. 6, n. 1, p. 72-83, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/bioethics-and-biolaw-from-organ-donation-to-transplantation%20(1).pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.